

APRESENTAÇÃO

VOLUME 1

Dossiê “Vidas íntimas: poéticas do Eu”

Em 1930, escrevendo sobre Stendhal (1783-1842), Paul Valéry (1871-1945) enuncia um pensamento-aforismo, que vem sendo redito desde então e cujo alcance de interpretação está longe de se esgotar: “Em Literatura, o verdadeiro não é concebível.” Figurando entre as páginas de *Variété II*, a frase diz respeito à obra do romancista francês, cuja identidade, sedimentada na impermanência do “eu”, materializou-se em assinaturas diversas, desde o Henri-Marie Beyle, do nome civil, até o pseudônimo que o tornou célebre, nomes a que se acrescentam o Henri Brulard, com o qual registra a história de sua vida, e, por fim, o Arrigo Beyle, inscrito em sua lápide, no cemitério de Montmartre, em Paris.

Por seu turno, no preâmbulo que escreveu para suas *Confissões*, nos anos finais do século XVIII, Rousseau refuta a presunção dos que se orgulham de conhecer os homens, com base em uma apreciação céptica: cada um mal conhece a si mesmo. Ao que o escritor-filósofo ainda acrescentava, dubidativo, se é, de fato, verdadeiro, que alguém se conhece. Voltado para a sondagem de si próprio, particularmente nas *Confissões* e nos *Devaneios de um caminhante solitário*, Rousseau foi levado a admitir, afinal, que o conhecimento imperfeito de si é o único meio que se emprega para conhecer os outros.

Apontando para o caráter desdobrável do eu, e da Literatura que o diz – inapreensíveis, ambos – em suas conexões intrincadas e oblíquas – as observações dos dois escritores encaminham-se, de forma natural,

para as Escritas de si, uma das pautas mais assíduas da contemporaneidade, no âmbito dos Estudos Literários.

Esta é também a questão nuclear do presente dossiê da revista *Entrelaces*, o número 9 da Revista, que traz como título *Vidas Íntimas, Poéticas do eu*, numa provocação a que se reflita sobre esse que parece ser um debate ainda em aberto. Como se sabe, na paleta do “eu” que se escreve, é comum encontrar-se uma diversidade de tons – um gradiente de cor – tal a variedade de nuances de abordagem da Literatura, face às experiências escriturais em primeira pessoa. Assim é que os artigos deste dossiê, divididos em dois volumes, discutirão questões ligadas à autobiografia, à autoficção – volume 1 – e às memórias e aos diários, –volume 2 – embora não se possa traçar um nexos distintivo perfeito entre essas categorias, pois se a terminologia as distingue, elas, na realidade, se atravessam, denotando toda a ductilidade que cada uma encerra de *per se*. Por isso mesmo, figuram também no volume 1, alguns textos que se dobraram com menos facilidade ainda a tentativas classificatórias.

A complexidade da dicção sobre o “eu” transparece logo na soleira deste número da Revista, com o artigo “Ecos autobiográficos e entre-lugar narrativo em *The autobiography of an ex-colored man* de James Weldon Johnson”, assinado por Alexandre Ferreira Velho, e nele as palavras “ecos” e “entre-lugar” sugerem, de saída, algo cambiante, o que se expande para o próprio estatuto do livro, o qual, segundo o autor, fugiria à proposição de Philippe Lejeune, com relação ao pacto autobiográfico.

Já em “Autobiografia, realidade e ficção: a construção do eu a partir de uma leitura comparativa de *O amanuense Belmiro* e *A menina do sobrado*”, Aliny Santos Justino, por sua vez, realça a proximidade entre ficção e memória, ao verificar através de mapeamento

comparatista o quanto das histórias do “burocrata lírico” – denominação de Antonio Candido para Belmiro – reaparecerão no texto memorialístico de Cyro dos Anjos, obra que teve como título primeiro o sugestivo e poético *Explorações no tempo*.

Em artigo publicado em 2002, no dossiê *Les Écritures du moi*, da revista *Magazine Littéraire*, Eliane Lecarme-Tabone lançava a interpelação: “XXe siècle: Existe-t-il une autobiographie des femmes?”, abrindo margem para a apreensão do mundo feminino como regido pelo silêncio. “Descolonizando o eu autobiográfico feminino: a questão da memória e história nas narrativas da escravidão”, de Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli reprisa a indagação, ao tratar da obra *I, Tituba, Black Witch of Salem* (1986), da escritora caribenha Maryse Condé. Para Cavagnoli, o empoderamento de Tituba é uma forma de romper com o silêncio, e, a autobiografia, o espaço dessa teatralização.

O encadeamento entre história e ficção percebido por Carla Denize Moraes e Cláudio José de Almeida Mello em *Xente de inverno* (1995), coletânea de contos do escritor galego Xosé Lois García, é o ponto de partida para a discussão sobre a distância que separa ficção e memória, uma vez que a infância de García serve como paisagem para suas narrativas, as quais, ao mesmo tempo, reencenam a memória cultural de seu lugar de nascimento.

A tensa aproximação entre “factual e ficcional” também é discutida por Elisandra de Souza Pedro, agora com base em *Beim Häuten der Zwiebe* (2006), de Günter Grass, *Nas peles da cebola*, na tradução brasileira. Para além do caráter polêmico da obra, que contem a confissão de que o autor integrara a Waffen-SS, em sua juventude, interessa ao artigo a dubiedade do livro, que poderia ser tomado como ficcional. Como se comporta o leitor diante dessa vacilação quanto ao

perfil do relato, aspecto, aliás, discutido do ponto de vista metadiscursivo pelo próprio Grass?

No acervo de obras autobiográficas de Pierre Pachet, que a elas se dedicou até próximo à sua morte em 2016 – *Autobiographie de mon père* (1994), *Adieu* (2001), *Devant ma mère* (2007) e *Sans amour* (2011), Juliana Milman Cervo teve sua atenção atraída para a primeira delas empenhando-se em mostrar que se trata da “autobiografia de uma ausência, uma autobiografia enlutada” e que Pachet “transforma o objeto perdido em criação, em invenção de um exílio, de um (não) lugar que é a brecha fundamental para a sua possibilidade de existência.” Tomando o personagem do pai como figura adotiva, para efeito da criação literária, o escritor, em conformidade com Cervo, coloca em evidência os deslizamentos de eus, tornando flou os limites entre escrita biográfica e autobiografia.

“Autobiografia e metaliteratura em Enrique Vila-Matas”, escrito por Pauliane Amaral, sublinha os intrigantes liames entre vida e ficção, suscitados por *Paris não tem fim*, livro em que o escritor espanhol, através de um alter ego, relata o seu exílio voluntário, naquela cidade, fugindo da longa ditadura franquista. As referências literárias cercam o escritor e enfeixam um metadiscorso, construído por meio de “uma vertiginosa rede de citações”, que repercutem a experiência de Ernest Hemingway, na mesma Paris, nos anos loucos. Vila-Matas fabrica uma confusão de identidades entre Hemingway e seu alter-ego, trazendo, assim, a Literatura para o centro da encenação ficcional, tal como já havia feito em *O Mal de Montano* e *Bartleby e companhia*.

“Entre as sombras e a memória: escrita autobiográfica de Amós Oz”, de Sarah Diva Ipiranga e Ana Paula Lima Moura, ressalta a vocação autobiográfica do ficcionista israelense, detendo-se em *De amor e trevas*, livro em que uma fratura na história pessoal – a perda da

mãe – leva à imersão no drama da história de seu povo. De acordo com as articulistas, um “fantasma-mãe” atravessa a narrativa, perseguindo o menino que procura respostas no agora, porém precisa voltar no tempo para vislumbrar pistas dessa inquietante dúvida”, daí a escolha das noções de infância, território e pertencimento, como categorias analíticas para o romance em análise. A busca da identidade infantil e a da identidade de um povo se confundem no gesto de tentar apreender esse passado-presente.

A noção de autoria, que tantas controvérsias tem rendido, no âmbito das discussões acerca da Literatura, ganha um novo incremento com o surgimento da Literatura eletrônica. Esse é o eixo em torno do qual gira “A guinada autoficcional no ciberespaço: revisando a figura do autor na contemporaneidade”, que leva a assinatura de Anderson Guerreiro. É com apoio no conceito de “retorno do autor”, materializado na profusão de autobiografias e autoficções, que alimentam a leitura em nossa contemporaneidade, que serão problematizados os ardis propostos pelo feitiço sinuoso das identidades, que são endereçadas aos cibernautas, hoje.

“Experiência e performance na escrita de Al Berto: uma leitura de *Lunário* (1988) pela autoficção” enceta um questionamento sobre a recepção crítica do poeta-performer português Al Berto, pseudônimo de Alberto Raposo Pidwell Tavares. Embora André Luiz Russignoli Martines reconheça a validade do entendimento da referida obra com esteio na representação autobiográfica, o que foi, segundo ele, de certo modo, referendado por declarações do próprio escritor, neste trabalho sugere uma outra visada analítica, a do conceito de autoficção, tal como o define Diana Klinger (2012), “em que o faz aproximando os Estudos de Literatura e a Antropologia/Etnografia, por meio de uma orientação teórica que se pode denominar, genericamente, de pós-estruturalista”.

Alicerçada em teorias da autoficção (Doubrovsky, 1977) e (Ouellette-Michalska, 2007) e dos vestígios de memória (Bernd, 2013), Kelly Batista Duarte trabalha em seu texto com os rastros da memória da infância, nas crônicas que compõem *O Pastel voador* (2009), de Luiz Augusto Andreoli de Moraes. O artigo visa demonstrar que a autoficção, caracterizada por Duarte como “uma ambiguidade do verdadeiro-falso, ou o falso-verdadeiro, no que diz respeito ao texto em que o ‘eu’ é ao mesmo tempo sujeito e objeto da narração”, possui elementos identitários, quanto à sua formulação escritural, que a distanciam do modelo autobiográfico tornado canônico para a crítica literária.

O teatro como matéria de escrita do texto autoficcional é o que defende Ricardo Augusto de Lima, em “BR-Trans: a ambiguidade metateatral da autoficção”. Partindo da hoje clássica definição de Philippe Lejeune sobre autobiografia, Lima, em contraposição à limitação do gênero aos textos em prosa, reporta-se a experiências havidas no decurso dos séculos XIX e XX, as quais configuram “tentativas variadas de um teatro do eu e do real manifestadas em diferentes formas dramáticas, culminando com um teatro explicitamente autobiográfico no final do século XX que mantém, por outro lado, seu caráter ficcional.” Com a obra de ator e dramaturgo Silvero Pereira, o autor do artigo busca realçar, no interior do teatro autoficcional, a dramatização da própria literatura, por intermédio da metadiscursividade cênica.

“A autoficção em Caio Fernando Abreu, o ‘biógrafo das emoções’”, de Roseane Grazielle da Silva, Samara Alves e Juliane Vargas Welter, efetua um investimento crítico na leitura do conto “Depois de agosto”, último texto publicado em vida pelo escritor gaúcho. Os autores utilizam Lejeune (1994), Doubrovsky (2014) e Colonna (2014), entre outros, como referencial teórico, com o objetivo de deslindar a “problemática em

torno das intersecções entre o real e o ficcional e entre as posições discursivas do narrador e do autor, no âmbito da narrativa contemporânea. O trabalho se vale da visada comparatista para colocar em conversação elementos da fábula do conto e acontecimentos de crônicas, gênero que pressupõe a superposição entre autor e narrador.

“*Psicose 4:48: a escrita de si e o CsO em Sarah Kane*” é a proposta de trabalho de Christine Gryscek e Luciano Bedin da Costa. A composição, publicada em 2000, corresponde ao último trabalho de Sarah, e teve como cenário um hospital psiquiátrico, onde a dramaturga estava internada à época. O texto revela-se poroso a “memórias fragmentárias” e hibridismos, “por condensar poema dramático e narrativo”, sendo múltiplos os artifícios criativos para a fragmentação da personagem. Da grade teórica para a aproximação da obra, fazem parte as seguintes proposições: A Estética do Silêncio (Susan Sontag), Corpo sem Órgãos (Deleuze e Guattari) e Corpo-Gênese (Kunnich Uno), “que se apresentam em texto enquanto Performance e Percepção (Paul Zumthor).”

Michel Foucault, Roland Barthes, Rosa Maria Martelo e, principalmente, Giorgio Agamben compõem o arcabouço analítico escolhido por João Luiz Teixeira de Brito, para examinar *A maçã envenenada* (2013) do escritor gaúcho Michel Laub. Trata-se do segundo volume da trilogia, iniciada com *Diário da queda* (2011), e tem como argumento os efeitos individuais de catástrofes históricas. O ângulo de análise escolhido será a noção de autor e obra nas experiências romanescas da contemporaneidade. Em Laub, essa experiência desestabiliza “os limites do confessional, do historiográfico e do literário”. Brito ainda trabalha com operadores, como os de corpo, gesto e morte, em função da presença de “diálogos paralelos” entre

Laub, o português Herberto Helder e a vida e obra do cantor norte-americano Kurt Cobain.

“O Eterno Retorno como assinatura em César Aira”, de Katherine Funke, examina os processos da escrita íntima, do fecundo escritor argentino, em *Cumpleaños* (2001). Para tanto, empenha-se em desvelar “as máscaras e revelar finalmente o nome por trás dos nomes, ou o Aira-autor por trás dos muitos personagens que, ao longo de sua longa trajetória de invenção de si, construção de mito pessoal, delírios narrativos e contos de fadas dadaístas, já levaram o seu nome”. O Derrida, de *Otobiografias*, que se debruça sobre a escrita autográfica de *Ecce Homo*, de Nietzsche, oferece o lume para esse percurso analítico, embora a autora reconheça a inexistência uma correspondência perfeita entre as obras.

Todas as formas de tentar dizer o “eu”, sejam artístico-literárias, sejam as incursões analíticas dos estudiosos, que também o querem desvendar, levam-nos a recordar o verso de Herberto Helder: “**e de tudo os espelhos são a invenção mais impura**”, em que a própria **Literatura reconhece o colossal desafio. Ou nos incita a persistir na busca dessa miragem? Quem poderá saber?**

Fernanda Coutinho
Organizadora do Dossiê
“Vidas íntimas: poéticas do eu”